

## BLOWJOB

*Por Roberto Menezes*

Procuro uma mulher, entre todas as mulheres ao meu redor, não acho que é coisa difícil, talvez não encontrado ainda seja só falta de sorte. Uma mulher não tão nova, não quero delicadeza, cheiro de leite, aparelhos dentários. Uma mulher não tão velha, não quero me perder em tantas rugas, em tantas farsas. Quero uma mulher que faça com toda a vontade do mundo, sei que uma foca amestrada poderia fazer coisa igual, porém quero uma mulher, quero uma mulher que faça, sem freios nem arreios, um boquete, um longo e demorado boquete, que dure pelo menos vinte e três minutos.

Não posso estar sendo justo quanto à escolha dessa duração. Científico não estou sendo, admito. Sou ser empírico, falo por falar, essa quantia miserável de tempo. Além de ter um grande espírito de porco, sou precavido: antes dure, antes se prolongue do que a boca da dita canse. Não quero que ela comece a usar a mão, feito uma ordenhadora de quinta categoria, pra adular o meu pau. Não quero que ela comece a mexer freneticamente o meu pau, com seus cinco dedos de deus, pra que ele jogue logo pra fora toda a gala rala. Não quero um handjob, seco e repleto de calos. Quero um blowjob molhado de uma boca enclausurada. Quero que na hora que eu venha a gozar, a coisa toda se extravase na cara ou na garganta dela, feito um tiro de doze de canos serrados. Quero uma filha da puta que não improvise, e nessa hora do fim, seja fria o bastante pra não cerrar os olhos com medo do encontro terrificante com minha porra.

Essa mulher, em nenhuma hora, tirará os seus olhos dos meus, a cor deles pouco me importa. E de quando em quando, sua face fará assim bruscamente uma série de pequenos espasmos, involuntários espasmos, seus dentes morderão sem jeito o pé do meu pau, não doerá, pelo contrário, me levará às alturas. Essas mordidas sem calibre me deixarão entusiasmado e ansioso pelas próximas. Se será aqui ou ali. Com que força? Com que dentes? Se com os incisivos, se com os molares. Sem improvisos, mordidas aleatórias. Nada de bandeja, nada calculado. Não espero que essa mulher use dos seus cálculos, seus temores. Até hoje só encontrei essas miseráveis calculistas, sentimentalistas e economistas. E cheguei a pensar que a mulher sem cálculo não existiria, já cheguei a pensar, confesso. Mas, sim, essa mulher existe. Está por aí, basta achar. Tenho que achar, sem ela, minha vida é uma miserável, dolorosa e sem rumo espera. Um mundo de ensebadas barbas pontiagudas roçando a parte de baixo do meu queixo.

A mulher que encontrarei, com certeza encontrarei pois ela lerá o rodapé da minha busca nos classificados; essa mulher tem um tumor no cérebro, não um tumor no cérebro com ponto final, não um tumorzinho carocinho de uva que faça só córcegas e que seja legal pra contar aos netos, feito uma bala lembrança de batalha. Ela verdadeiramente carrega em sua cabecinha de repolho um câncer do tamanho de um sapoti. Um câncer que se acomoda naquele cérebro fajuto. Esse câncer faz a donzela sentir dores o tempo tempo o tempo todo que ela implora

aos santos pra morrer. Ela nem consegue abrir os olhos direito, um músculo repuxa e aperta e fode mais ainda com o sofrimento daquela mulher. Ela quer morrer, ela quer se matar. Mas não morre, não se mata. Sabe por quê? Essa moça tem fé que algo a salvará do tormento. E quem irá salvar essa mulher? Essa é fácil. Quem salvará ela, ela logo saberá, será a cabeça do meu pau durante os vinte e muitos minutos de quase sufocação. Nesse momento ela arregalará os olhos como nunca fez. E a dor arreganhada vai me dar e dar a ela um deslumbramento magnífico.



Quando ela mergulhar incrédula sobre o meu pau, esses olhos brilharão e não apagarão por nenhum segundo; não será o primeiro pau que ela chupará, todas já nascem chupando, chupam a grande parte do tempo; enquanto não estão reclamando da vida, as mulheres estão chupando. Com certeza, sem sombra de dúvida, esse não será o seu primeiro pau, mas, esse, sim, esse será o seu pau. Já disse a letra do blues: pra toda boca haverá um pau, essa é única certeza que temos na vida. Quando engatar seus dois lábios sobre minha glândula, a delícia que testemunharemos espantará as dores, espantará feito galinhas fugindo de um cachorro fanfarrão, não haverá nada mais esplendoroso em toda via láctea. Só os espasmos colaterais dos músculos de sua face contestarão e ficarão pra mostrar que no fundo no fundo essa moça é

uma fudida; que não durará nem três dias viva depois dos trinta e poucos minutos da chupança monumental; e não haverá esperança nem nessa, nem em outra galáxia.

Portanto, ela dará tudo de si nesse momento. No raciocínio besta dela, desenvolver este boquete será uma tentativa de realizar algo realmente digno em sua vida de merda. Essa moça é uma coitada, uma perdida, vergonha da mãe e do pai, nunca aprendeu a bordar, nunca aprendeu a amar, nunca aprendeu a procriar. Esse manifesto sobre minha genitália, pra ela, será a sua grande obra, sua pietá. Se fosse possível ela deixaria pra eternidade. Quantas coisas assim feitas entre quatro paredes ficariam lindas penduradas perpétuas no Louvre? Talvez ela, coitadinha, peça pra eu gravar, fazer um filminho, uma sextape, pra soltar na rede, mil e um acessos a cada minuto. Mas não sei. Acho que não. Ela não seria capaz de fazer tal pedido: o câncer daqui pra lá já haverá lhe roubado a voz, a audição e a visão. Sim, ela será uma derrota de uma paciente terminal chupadora de picas diversas. Sim, será por acaso que aqueles olhos de coisa nenhuma me olharão, como também não verão a cara que farei pra ela: pra mim ela é o pior espécime que a espécie humana pôde fazer, porém estarei feliz de estar ali. Torço para que ninguém nunca saiba do meu comportamento, meu mau comportamento. Nem que eu a leve pro quinto dos infernos, quero paz e sossego durante os sessenta minutos do meu boquete, quero paz e sossego pra gritar à vontade, a esbravejar tudo o que for preciso ali. Ali esquartejarei todas as minhas vontades e dois terços de minhas necessidades.

Falo assim, mesmo sabendo que, na hora, tudo possa ser diferente. Talvez eu trave, não abra a boca, eu caia de olhos arregalados como se fosse picado por heroína. Não sei. Nem sei se terei vontade ou coragem de perguntar o nome dela. Inventarei, melhor assim. Quero aproveitar, espero que aproveite cada segundo, olhos nos olhos, ali não sentirei dor nenhuma, o meu pau em valsa com sua boa em repetidas involuntárias contrações, uma valsa lenta, dois pra lá, dois pra cá, venha cá amor, vem comigo, vem sentir até que eu...